

Tema: Sector Vitivinícola			Âmbito: Nacional		Tiragem: 61519
Título: Granizo sem efeitos catastróficos e sobre produção de vinho do Porto			Temática: Generalista		GRP: 4.3
2006/06/26	PUBLICO – PRINCIPAL	Pág. 38	Imagem: 1/1	Periodicidade: Diária	Inv.: 5450.00

Granizo sem efeitos catastróficos sobre produção de vinho do Porto

REGIÃO DEMARCADA DO DOURO

Ministério da Agricultura e casas de vinho do Porto afastam cenários mais catastróficos sobre os efeitos da tempestade na produção vinícola deste ano

CELESTE PEREIRA

A violenta tempestade de granizo que no passado dia 14 de Junho se abateu sobre a zona central da Região Demarcada do Douro (RDD), onde estão localizados os melhores vinhedos usados para a produção de vinho do Porto, causou fortes prejuízos locais, sobretudo a pequenos e médios viticultores, mas, ao contrário da ideia que sobressaiu nos dias que se seguiram ao acontecimento, os efeitos da intempérie na produção de vinho do Porto deste ano poderão ser pouco significativos.

Esta é a convicção dos técnicos do Ministério da Agricultura, que durante toda a semana percorreram o terreno a avaliar os estragos e a apoiar os viticultores. “Em termos globais, para a região, não há nenhuma catástrofe”, sublinhou ao PÚBLICO António Graça, sub-diretor regional de Agricultura de Trás-os-Montes, que perspectiva até um ano de “boa colheita em termos de qualidade”.

“Normalmente ficamos surpreendidos com a capacidade de recuperação das videiras”, sustenta. Em Junho de 2004, quando os vinhedos do concelho de Murça também foram destruídos pelo granizo, poucos imaginavam que na vindima haveria uvas para colher em alguns locais e houve. Acresce que, na actual situação, depois da intempérie o tempo ficou seco e quente, um cenário considerado favorável à cicatrização das videiras que ficaram feridas com o granizo.

Embora não pareçam tão optimistas, os responsáveis de algumas das principais casas de vinho do Porto com propriedades na zona afectada também afastam qualquer cenário catastrófico. O grupo The Fladgate Partnership, detentor das marcas Taylor’s, Croft, Delaforce e Fonseca, sublinha que a zona afectada pela intempérie representa apenas “uma pequena parte dos vinhedos da RDD”.

Ao todo, segundo números do Ministério da Agricultura, o granizo afectou uma área de 2000 hectares de vinhas – ou seja, menos de cinco por cento dos 45 mil hectares destinados à produção de vinho do Porto

PAULO PIMENTA



A queda de granizo no dia 14 de Junho afectou uma pequena parte dos vinhedos da Região Demarcada do Douro

–, mas os estragos divergem de parcela para parcela. “Há locais em que as vinhas ficaram totalmente destruídas e locais onde foram muito pouco afectadas”, sublinha António Graça. Os concelhos de S. João da Pesqueira e Sabrosa foram os mais afectados.

Os prejuízos atingem de forma diversa cerca de 750 agricultores, a maioria dos quais pequenos e médios proprietários, que são os que têm as propriedades nas cotas mais elevadas dos montes vinhateiros. Alguns deles enfrentam situações dramáticas: não têm seguro de colheita e viram o produto do árduo trabalho de um ciclo produtivo desaparecer por completo.

Algumas quebras de produção

Ana Margarida Morgado, responsável pelo gabinete de relações públicas de The Fladgate Partnership, dá conta que algumas quintas do grupo – Terra Feita, Junco, Cruzeiro e Roeda – foram “violentamente afectadas”. O grupo diz que 750 mil dos seus 1,3 milhões de pés de vinha foram atingidos, o que representará uma “quebra de produção de 40 por cento”.

Na Quinta das Carvalhas, da Real Companhia Velha, que se situa junto ao Pinhão e se ergue na margem esquerda do rio Douro até ao topo da encosta, os estragos foram diversos, sendo que as parcelas de cota mais

elevada terão sofrido estragos superiores a 70 por cento. A equipa técnica de viticultura desta propriedade calcula que a intempérie possa resultar numa quebra superior a 25 por cento da produção global.

Mais poupada terá sido a Quinta do Noval, da Axa Milésimes, da seguradora francesa Axa, que curiosamente também não tinha seguro contra o granizo. António Agrelos, responsável da propriedade, estima uma quebra de produção de 20 por cento. Em termos globais, os responsáveis da The Fladgate Partnership calculam que a destruição provocada pelo granizo represente entre 10 a 20 por

NÚMEROS

- ▶ **2000 hectares** de área afectada pelo granizo, embora os estragos sejam diferentes de parcela para parcela
- ▶ **4,4 por cento** da área total (45 mil hectares) destinada à produção de vinho do Porto
- ▶ **750 agricultores** atingidos pela intempérie

cento de quebra na produção da região vinhateira.

Mas, sublinham, dado que somente uma parte das uvas da RDD são usadas para a produção de vinho do Porto, “não é de esperar que estes estragos influenciem significativamente o volume de vinho do Porto a produzir nesta vindima”. Poderão no entanto ter consequências a nível da produção de vinho do Porto de qualidade e “inflacionar o preço das uvas de melhor qualidade na próxima vindima”, alerta The Fladgate Partnership.

Estes balanços contrariam o cenário de “catástrofe” que tem sido exaltado por Manuel António dos Santos, presidente da Casa do Douro, que reivindica do Governo apoios especiais para a região duriense.

Em visita a uma vinha afectada pela intempérie, em S. João da Pesqueira, Marques Mendes, também classificou a intempérie como uma “grande calamidade” e exigiu um “apoio especial” para os viticultores afectados.

O líder do PSD defende também a reforma da lei dos seguros agrícolas, que na sua opinião é “ineficaz”. António Graça admite que o sistema de seguros agrícolas deve caminhar para o seguro ao rendimento, à semelhança do que acontece em Espanha, mas insiste na necessidade dos agricultores segurarem as suas colheitas.

Anteontem, este responsável enviou ao ministro da Agricultura o relatório final dos estragos. Se cumprir o que prometeu, Jaime Silva irá analisar a gravidade das situações “caso a caso” e revelar o que quer dizer afinal a expressão “palavra de solidariedade” que prometeu ter para com os agricultores em situação mais dramática. ■

Apesar da sua urgência, tratamentos nas vinhas tardaram

Qualquer lavrador duriense sabe que a eficácia dos tratamentos na cicatrização de vinhas feridas por uma tempestade de granizo depende da rapidez da intervenção. No entanto, na mais recente intempérie, a maioria dos agricultores afectados só começaram a pulverizar as vinhas no início desta semana – mais de quatro dias depois da intempérie – após lhes ter chegado às mãos o cálculo oferecido pelo Governo.

O que contribuiu para esta passividade? A onda de desolação que abalou os agricultores e o ambiente de confusão e perturbação que se instalou a seguir à tempestade e que deixou a nu a clivagem ainda existente entre as instituições da região demarcada mais antiga do mundo, com prejuízo para o pequeno viticultor.

Após a tempestade, o primeiro a

chegar à zona afectada foi Manuel António dos Santos, presidente da Casa do Douro, que começou logo a reivindicar do Governo apoios especiais para os agricultores e a pulverização aérea de toda a área atingida. Depois, no dia seguinte, foi a vez do ministro da Agricultura visitar a região. Admitiu que o Governo iria ter uma “palavra de solidariedade” para com os agricultores atingidos, não avançou com qualquer decisão e assegurou que não patrocinaria a pulverização aérea.

O governante baseava-se no parecer dos técnicos da própria Direcção Regional de Agricultura de Trás-os-Montes (DRATM) que asseguram que a pulverização aérea, neste caso, não seria eficaz. “Além do cálcio, as vinhas necessitavam urgentemente de tratamentos anti-mildio e oídio, porque havia grandes riscos de um

ataque destas doenças e isso não pode ser feito via aérea”, explica José Rodrigues de Freitas, responsável daquele organismo.

Mas Manuel António dos Santos não ficou convencido com as explicações da tutela e continuou a insistir na pulverização aérea. Sexta-feira à noite, na participada reunião que se realizou em Sabrosa, os responsáveis da DRATM insistiram com os agricultores para não ficarem à espera de eventuais apoios e iniciarem de imediato os trabalhos de pulverização da vinha. Manuel António dos Santos voltou a ripostar e no dia seguinte anunciava que a Casa do Douro iria vender “a preços meramente simbólicos” o cálcio aos agricultores. No domingo, foi a vez do ministro da Agricultura avançar com a oferta.

Terá sido esta confusão e desinfor-

mação que, no entender de alguns durienses, contribuíram para a desorientação dos agricultores, que ficaram imóveis à espera que uma hipotética pulverização caísse dos ares, ignorando o aviso que, ainda na sexta-feira de manhã, a DRATM emitiu a alertar para a necessidade de realização “imediate” de um tratamento contra o mildio, o oídio e com cálcio.

Enquanto isso, na manhã a seguir à intempérie, os tractores já rolavam em quintas como as do Noval ou as do grupo The Fladgate Partnership, que intensificaram de imediato os tratamentos contra o mildio e o oídio que estavam em curso. Curiosamente, em ambas as propriedades não fizeram tratamentos com cálcio, acreditando que uma vinha boa tem reservas necessárias para recuperar. C.P.